



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>André Malina</b>	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	UFMS	Professor Adjunto II
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O presente trabalho objetivou discutir os pressupostos teórico-epistemológicos e metodológicos de uma ação concreta de professores, tendo como matriz estruturante a prática e a mediação no Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME. A criação do LEME deu-se no dissenso em dois lados: um na perspectiva de ensino superior dada pela FAETEC; e outro no processo de cooptação dos professores do ensino básico em desvio de função, acomodados com baixo número de aulas e apequenados no seu trabalho docente. Nós, alguns dos professores concursados, optamos pela negação desse contexto, expondo-nos a processos administrativos e perseguições variadas. É no interior desse processo que criamos o LEME com recorte marxista. No movimento dinâmico de luta, e pela própria história dos sujeitos que ali estavam, agudizava-se uma perspectiva revolucionária nem sempre alinhada com as práticas de partidos políticos, sindicatos e outros professores do ensino superior de instituições estruturadas. Embora tivéssemos apoio pessoalmente, não conseguíamos a exposição social e o apoio institucional necessário à luta. Nesse sentido, conforme o próprio contexto de embate, conceitos como Consciência de Classe, Alienação e Ideologia, eram substituídos ou confrontados com os de Revolução e Luta Armada. Desse modo, além de Marx, autores com perspectivas de compreensão marxista como Gramsci delinearam nosso escopo teórico. Do último, houve especial atenção nos conceitos de Estado, Intelectuais e Hegemonia, caracterizando uma apreensão epistemológica multilinear derivada da prática, que, portanto, refletia-se no político-pedagógico e cultural do trabalho docência-pesquisa, além do desenvolvimento da luta de resistência e das proposições de cunho cultural.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Formação de professores – Trabalho Intelectual – Teoria Marxista			
ABSTRACT			
<p>The present work aimed to discuss the theoretical-epistemological and methodological assumptions of the one concrete action of teachers, with the structuring matrix the practice and mediation in the Laboratory of Marxism study and Education – LEME. The creation of LEME gave up a dissent in the both sides: in a perspective higher education given by the FAETEC; and the other in as process of cooptation by the teachers in the basic education in function deviation, accommodated with low numbers of classes and belittled in their teaching. We, some of the gazettes teachers, chose for denial of this system, exposing us to administrative processes and different chases. Is in within of this process that we create the LEME with Marxism cutting. In the dynamic fight movement, and for the own history of the people who where there, were exacerbated a revolutionary perspective not always aligned with the politics party practices, unions and others teachers of high education of structured institutions. Although we had personally support, we couldn't get social exposures and the institucional support necessary in a fight. In this case, as this context of struggle, as Conscientious class, alienation and ideology, were replaced or confronted with the Revolutions and armed struggle. Thereby, also Marx, authors with Marxism compreension perspective like Gramsci, outlined our theoretical scope. At last, there was a special attention in the concepts of State, Intellectual and Hegemonic, featuring an epistemological concern multilinear derived frompractice, therefore, reflected in the political-educational and cultural work of the teaching-research, and the development ofresistance and struggle of proposals for a cultural trait.</p>			
KEYWORDS			
Teacher Formation – Intellectual Work – Marxist Theory			

## INTRODUÇÃO

Atualmente o modelo sistêmico neoliberal do modo de produção capitalista abarca um conjunto de comércios e serviços que incorporam a lógica dominante. Em defesa desse processo, os trabalhadores encontram estratégias e táticas para não serem componentes desempregados. O trabalho docente, a formação de professores e as chamadas instituições estatais têm sido um espaço de luta. A classe dominante, entretanto, impõe uma lógica que gera uma falsa oposição, com um falso conforto para os trabalhadores no interior desses espaços de luta. Trabalhadores oprimidos fraquejam em torno de alguns desses confortos e acabam por acomodarem-se ou incorporarem à lógica dominante, na qual predominam o individualismo e a inversão do público-privado.

No trabalho que desenvolvemos a seguir, tentaremos mostrar a experiência de montagem de um lócus de análise, estudo, pesquisa e luta contra-hegemônica: a criação do Laboratório de Estudos: Marxismo e Educação (LEME), por alguns professores concursados para o ensino superior do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj), mantido pela Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec)<sup>1</sup>.

Nosso foco central é mostrar um pouco do trajeto teórico-metodológico e epistemológico que permitia uma análise da conjuntura vivida por nós professores, no interior do Iserj-Faetec, imiscuídos com um formato adequado aos ditames e interesses de classe, relacionado a interesses privados que infectavam o trabalho docente e um pensar/fazer mais intelectualizado. Compreendendo o Iserj-Faetec como um espaço de luta contra-hegemônica, no interior de um aparelho privado de hegemonia, no sentido gramsciano do termo, formatamos nosso trajeto a partir da criação do Leme, delineando uma epistemologia praticista, em torno das circunstâncias dessa luta contra-hegemônica.

Dessa forma, realizamos o percurso adotado no presente trabalho, apresentando alguns conceitos em uma visão de corte marxista, entremeados com algumas considerações sobre a luta empreendida naquelas instituições. O objetivo, enfim, é mostrar como se deu o percurso teórico-prático do trabalho docente no desenvolvimento do Leme.

---

<sup>1</sup> Em agosto de 2006 tomaram posse os primeiros concursados para o Ensino Superior da Faetec. Uma parte, conforme previa o concurso, foi alocada no Curso Normal Superior do Iserj, “gloriosa” e tradicional instituição localizada na Tijuca, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Esse curso estava totalmente irregular, à revelia da documentação e das ações exigidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) para abertura e funcionamento de cursos superiores no território brasileiro. Por ser uma instituição estadual, estava submetida às regras do Conselho Estadual de Educação (CEE), que por sua vez deveria seguir as normativas do CNS. Lá chegando, nós, professores “novos” nos deparamos com um conjunto enorme de professores em desvio de função, em uma aparente (mas não na sua essência) briga com a mantenedora. Esta, por outro lado, não aparentava ter, nos seus representantes, competência e legitimidade para implantação de um curso superior. Na verdade, ali nos aparentava ser algo ainda mais pejorativo do que é atribuído ao termo “escolão”.

## O LEME E A IDEOLOGIA

Sob o ponto de vista de estudo no interior do grupo em formação, o Leme, em relação ao conceito de ideologia, poderíamos ter feito outras opções teóricas. É sabido que Habermas, por exemplo, tece crítica a tal conceito e também ao de *práxis*, por entendê-lo como recaindo em uma armadilha. Para esse autor, Marx, na sua crítica ao positivismo, abre espaços para que o próprio positivismo consiga, por meio de seus defensores, erguer-se. Habermas, que denomina a forma de inserção do positivismo como razão instrumental, em oposição a uma razão comunicativa, aduz o entendimento de o próprio pensamento de Marx recair em uma razão instrumental reduzindo o trabalho à produção. Nas palavras de Stieltjes, recorrendo à lembrança de Thomas Maccarthy sobre a restrição básica de Habermas contra Marx, é de:

(...) não só não ter (...) desenvolvido uma teoria do conhecimento capaz de contestar o positivismo, como, num certo sentido, alimentá-lo indiretamente através de uma antropologia cujo interesse pela emancipação fundamenta-se nos paradigmas do trabalho e da produção (2001, p. 41).

Outro autor, também um formulador do conceito de ideologia, Mannheim (1986), redefine esse conceito, distinguindo-o de utopia, caminho similar ao de Paul Ricoeur (1991). Ambos tem um livro chamado Ideologia e Utopia, mas somente nos interessa nesse momento dizer brevemente o entendimento de Mannheim (1986) sobre ideologia. Esta, para o autor, tem um efeito totalizante que conjuga de forma subordinativa ideologia (agora como espécie do gênero ideologia totalizante) e utopia. A ideologia mantém as idéias do sistema, sendo conservadora por excelência. Em oposição à ideologia, encontra-se a utopia, que guarda idéias de modificação no sistema. É o projeto a ser realizado. Assim, diferentemente de Marx, Mannheim (1998) compreende ideologia no sentido totalizante (se juntarmos ideologia e utopia) com uma via de possibilidade de modificação no interior do próprio sistema. Interessa notar que Lowy (1998) faz uma síntese desse processo e renomeia o conceito de Mannheim de ideologia total para visão social de mundo, mantendo, no entanto, o sentido deste autor. Lowy examina em seu texto “a relação entre visões sociais de mundo (ideológicas ou utópicas)” (1998, p. 13).

Dessa forma, a relação entre ideologia e sociedade não é nova e o próprio conceito de ideologia é distinto, mesmo em matrizes teóricas similares. Historicamente, foi com Destutt de Tracy e a crítica de Napoleão Bonaparte que se iniciou essa questão. Napoleão entendia Destutt de Tracy e seus correligionários como ideólogos em um sentido pejorativo. Marx, posteriormente, recupera essa crítica napoleônica para também criticar filósofos alemães (LOWY, 1985, 1998; CHAUI, 1985). Não é, porém, o conceito de ideologia, linear em Marx. Se por um lado Marx critica, em especial, os irmãos Bauer e depois Feuerbach pela compreensão da filosofia e da religião

como especulativas e alienantes. Marx, também amplia o entendimento de ideologia para o conjunto de idéias dominantes que se espalha pela sociedade a partir das idéias da classe dominante. Ideologia adquire, assim, outro status, o de consolidação da classe dominante de forma processual, via consolidação de idéias (MARX, 1998a, 1998b, 1998c, 2007, 2008). Nesse processo, a ideologia não se consubstancia em um modo unívoco de tal consolidação. A noção multifórmica da ideologia vai ser variável. Pode a ideologia, constituir-se em velar, ocultar, mascarar, inverter? Melhor compreensão seria por binômios contraditórios, pois vela e revela, oculta e desoculta, mascara e desmascara, inverte e possibilita a desinversão do real concreto, conforme a análise da dialética de Kosik (1996), para além da pseudoconcreticidade. Outro autor, marxista, vai trabalhar a ideologia em um sentido aparentemente parecido, mas duplicado, ou seja, ampliando a ideologia como possibilidade para a classe dominante e para a classe proletária. Não é só isso. Gramsci, autor de um aporte teórico marxista mais ou menos completo, com pretensões de dar conta da questão da cultura, formula a ideologia com resultados distintos de Marx. Para Gramsci, ideologia é um conjunto de concepções e conceitos agrupados na ordem de classe que funciona como um cimento social, amalgamando as idéias da classe de ponto de partida de quem as formula (GRAMSCI, 2000). Inversamente, a própria classe expressa por meio dos coletivos orgânicos aos quais estes estão vinculados e suas idéias, tensionadas com as idéias da outra classe. (GRAMSCI, 2000). Nesse contexto, a tensão reverte-se na busca pela hegemonia (direção) da sociedade, na qual o ponto de vista de classe vai prevalecer.

Em nossa análise, estávamos observando de forma pessimista como estavam sendo delineados os grupos em ação no interior da Faetec. Nós, um grupo minoritário, visualizávamos um entendimento de que os discursos em voga iam ao encontro de propósitos populistas, de atendimento a um público desfavorecido, em grande medida oriundo das chamadas comunidades, por meio de uma educação de péssima qualidade, travestida de vanguardista. Nada mais alinhado com esses propósitos do que um curso Normal Superior, com professores sem concurso nem formação para tal.

Nosso estudo passava por estarmos condenados a sermos, na prática, omissos, ou nos prepararmos para uma luta na qual já entrávamos perdidos. Os processos ideológicos corroíam a instituição, sendo *per se* uma aplicabilidade do conceito de ideologia em Marx.

## **SOMOS TODOS ALIENADOS**

A alienação é outro conceito importante formulado por Marx e com interligação ao de ideologia. Esse conceito foi desenvolvido especialmente no início da obra de Marx, facilmente verificado nos Manuscritos de Paris, como são conhecidos os Manuscritos Econômico-Filosóficos. Nos Manuscritos, Marx (2001) discute, em especial no terceiro, a noção do trabalhador alienado, que oprimido pelas circunstâncias do mundo do trabalho, vê-se obrigado a vender sua força de trabalho sem conhecer as formas pela qual serão produzidas as mercadorias. Como ficará mais elucidado em O Capital, para Marx (1998) o sujeito alienado, mais do que estar premido ao trabalho parcelar, não tem acesso à mercadoria produzida por ele, trabalhador. Este é sujeito coletivo do processo de produção de mercadorias, e não usufrui o conjunto de riquezas produzidas pelo conjunto dos trabalhadores e, portanto, é um sujeito alienado.

Em oposição à alienação, está a desalienação que nos oferece vários formatos. Um deles é o reconhecimento de que não há possibilidade de uma desalienação plena no modo de produção capitalista. Afinal, pode haver socialização plena de riquezas nesse modo de produção? Entendido que somente em uma sociedade na qual exista uma supressão de classes, ou seja, a inexistência de classes pode haver uma desalienação plena, aponta-se o rumo claramente para uma sociedade comunista.

A desalienação, no entanto, pode ocorrer, por exemplo, na esfera da conscientização do processo de alienação. Essa conscientização pode ter um viés duplo, já que não necessariamente acompanha uma concordância com o ponto de vista em que tal processo de alienação será observado. Já que a sociedade no modo de produção capitalista é dividida em classes sociais, seria coerente que o ponto de vista de classe no qual reconheço a dinâmica do modo de produção seguisse uma linearidade. Em poucas palavras, seria usual que o proletariado reconhecesse o pertencimento a essa classe social. Mais ainda, que lutasse pela classe ao qual pertence.

A luta pela classe, entretanto, tem “níveis” distintos, sendo comum o embate no interior do sistema, por melhores condições de trabalho. Nesse sentido, seriam (e são) reformas necessárias: a melhoria dessas condições, incluindo a jornada de trabalho, o salário, a saúde do trabalhador, o ambiente de trabalho, dentre outros. Inversamente ao que poderia se supor, no entanto, a produtividade, contrapartida para o capital, de tais reformas, aumenta a expropriação de mais-valia (ou mais-valor). Essa produtividade traz, entre outros fatores, um lado complexo que explica a necessidade de modificação do modo de produção: um incremento de exploração aliado a um conformismo na posição de classe explorada. A sociedade torna-se sociedade de consumo na mesma medida que incorpora valores oriundos dessa lógica social, como o individualismo, que gera ausência de consciência de classe, até mesmo em questões básicas e imediatas.

No limite, o processo acima delineado explicaria a apatia no interior da Faetec e do Iserj. Trabalhadores docentes mal remunerados, mas que são seduzidos pelo não-trabalho, e submetem-se às condições precárias, que justificam esse não-trabalho. Do mesmo modo, os alunos se submetem a pertencer a um curso sem diplomação (diploma este que é adequado ao sistema meritocrático burguês) norteado pela mesma idéia de não-trabalho. Dessa forma, não é necessário ter avaliação, substitui-se notas por conceito, utilizam-se termos como instituinte contra o instituído, entre outras palavras de ordem como adjetivos: “crítico”, “reflexivo” e “dialógico”. Não é substantivado, entretanto, o significado potente desses termos enquanto proposições concretas no embate necessário para uma contra-hegemonia no trabalho docente. Nas palavras de Tonácio, inspirada em Florestan Fernandes, analisando a transformação do Curso Normal Superior do Iserj sem diplomação, em Curso de Pedagogia sem diplomação, via Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia:

Ocorreu um neopragmatismo, que desvinculou a formação docente da possibilidade do exercício da crítica e da participação política, vinculando-a à *competências* e à competitividade. O que passou a estar em jogo não foi somente a necessidade de uma certificação ou elevação do nível de escolaridade na busca pela inserção no mercado, mas as possibilidades de *empregabilidade*. Além disso, a flexibilização das relações de trabalho docente foi uma maneira de nomear os ajustamentos e as adaptações dos trabalhadores e das instituições necessários às novas condições importadas pela reconfiguração da sociedade na configuração do capitalismo contemporâneo, no atual padrão de dependência (TONÁCIO, 2011, P. 412).

Apesar de entendermos o processo dramático de opressão aos trabalhadores na atual conjuntura do modo de produção capitalista, nós, professores do ensino superior precisávamos teorizar sobre nosso trabalho docente. Nessa perspectiva, emergia a necessidade de compreender o papel intelectual que estávamos desempenhando, ao passo do imperativo de entendimento das questões institucionais perpassadas na legalização de práticas “nada republicanas”, às quais insistíamos em não concordar.

### **LEME, ISERJ E FAETEC: Intelectuais, Hegemonia e Estado**

A questão dos intelectuais para nós era de fundamental importância, dadas as características locais, pois estaríamos tentando compreender nosso espaço como uma caracterização da sociedade, ou seja, um conjunto de forças contraditórias que expressam uma luta, necessariamente de idéias de classe, objetivamente materializada em nosso papel social.

Não é uma questão nova. Giroux (1992)<sup>2</sup>, por exemplo, é um autor que aborda a função dos intelectuais e, em especial, os professores enquanto intelectuais. Identificado com teorias críticas de pensar o currículo e a formação de professores, esse autor, alinhado com um “neomarxismo” e uma pedagogia radical, como se auto-intitulavam, desenvolve uma tipologia sobre os professores. Seriam eles adaptados, hegemônicos, críticos<sup>3</sup> ou transformadores<sup>4</sup> (AZEVEDO, 2004; MALINA, 2001).

Nessa tipologia, destacamos a relação dos professores enquanto intelectuais críticos com o conceito de intelectual de Mannheim. Este autor, conforme nos aponta Delacampagne (1995) é influenciado na sua vida acadêmica inicial pelo marxismo, embora se afaste do campo marxista. Ao contrário, aproxima-se com o pensamento weberiano.

Para Mannheim, os intelectuais possuem melhores condições de realizarem sínteses sobre a sociedade. Conforme afirmei em outro estudo (MALINA, 2001), as análises produzidas pelos intelectuais são feitas a partir de um “olhar de cima” que paira sobre a sociedade e não tem uma relação direta a uma classe social. Esse poder de síntese do intelectual chama-se *freischwebende Intelligenz* ou inteligência livremente flutuante. Em Lowy (1998), no entanto, tal ausência de uma relação direta de classe é designada como oportuna, pois embora os intelectuais expressem uma perspectiva social, não há um vínculo de classe. Mannheim atesta diretamente tal poder de síntese da camada estratificada da sociedade denominada intelectuais, ou seja, a *intelligentsia* enquanto estrato que desempenha esse poder de forma imparcial ideologicamente está próximo do ideal. Para esse autor o estrato ideal deve ser "relativamente sem classe, cuja situação na ordem social não seja demasiado firme" (1986, p. 180).

Embora inicialmente os professores do Iserj e os indivíduos representantes da mantenedora, a Faetec pudessem ter uma relação direta com esse conceito de intelectual mannheimniano, logo pudemos perceber que não poderia ser estabelecido um vínculo direto. Mannheim pressupõe uma camada intelectual com um nível de produção de sínteses que não estava adequada à capacidade dos professores com os quais estávamos lidando. Em especial os professores em desvio de função e os representantes da mantenedora apresentavam, grosso modo, ausência de elaboração teórica em um nível aproximado com os pressupostos apresentados por Mannheim. Ao contrário, eram toscas às falas e escritos demonstrados. Enfrentávamos um contexto processualmente negativado quando

---

<sup>2</sup> Atualmente Henry Giroux desenvolve trabalhos voltados para, em especial, os estudos culturais, distanciando-se *pari passu* do marxismo.

<sup>3</sup> Os intelectuais críticos foram pensados a partir do conceito de intelectual de Karl Mannheim.

<sup>4</sup> Para elaboração do tipo intelectuais transformadores, Giroux utiliza-se do conceito de intelectual orgânico de Antonio Gramsci.

confrontávamos com os conceitos de intelectual, inicialmente aventados, para analisarmos o Iserj e a Faetec.

Assim, nosso processo de compreensão e inserção naquele contexto estranhado necessitaria de uma radicalização maior no entendimento de intelectual. Não pretendíamos remontar a história, refazendo um manifesto dos intelectuais por causa do caso Dreyfus. Tampouco, no entanto, pensávamos que não teríamos apoio algum ao denunciar os problemas existentes na “aliança” professores, alunos e Faetec. Esperávamos, minimamente, uma Carta de Zola<sup>5</sup>, de apoio dos intelectuais acadêmicos, sindicatos e partidos de esquerda, vinculados ideologicamente a nós.

Resultante do insucesso crônico, mas com algumas vitórias momentâneas na esfera interna da relação Iserj-Faetec, já bastante tensionada, nos perguntávamos onde estariam os Coletivos Orgânicos, nos quais encontraríamos os intelectuais orgânicos para nos apoiar. Nossa conclusão foi de que nós estávamos nos constituindo enquanto Coletivo Orgânico (bastante disforme), e enquanto intelectuais orgânicos (muito isolados) no sentido gramsciano.

Na perspectiva citada, seria necessário, para compreensão de nossa identidade, conhecer o intelectual gramsciano, ao menos em seus escritos. Afinal, Gramsci (2001) nos ajuda a compreender o pertencimento de classe ao nos propor o conceito de intelectual. Na tipologia gramsciana, nos interessava sobremaneira os intelectuais orgânicos, por entendermos serem mais apropriados ao nosso movimento de luta. Para Gramsci (2001), todos são intelectuais, pois em toda atividade, por mais técnica que seja, existe atividade intelectual. Nem todos, entretanto, exercem função de intelectual na sociedade, exatamente por causa da natureza da atividade. Em Gramsci, “(...) o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates (2001, p. 18).

Dessa forma, é necessário supor uma atividade laboral ou uma expressividade no interior da categoria e/ou sociedade, via partido ou sindicato, produzindo na esfera social uma capacidade de liderança que promova e realize os ideais de classe. Partindo desta premissa, as classes sociais produzem seus intelectuais. No caso gramsciano, no entanto, é necessário compreender o processo de cooptação de classe, que permite, por exemplo, um sindicalista ser representante da classe dominante, pois veicula idéias que auxiliam a cimentar a sociedade. Não fosse assim, por causa de desproporção numérica, a imensa maioria de intelectuais seriam vinculados organicamente à classe trabalhadora. Não é isso o que ocorre. Em Gramsci:

---

<sup>5</sup> Émile Zola foi um escritor que era contra a direita francesa e apoiava a massa do povo pobre francês, manifestou-se publicamente no jornal, em 1898, a favor de Dreyfus.



Orgânico é o intelectual cuja relação com a classe revolucionária é fonte de um pensamento comum. Já não é mais o narciso inconseqüente, individualista, pairando sobre as asas do livro pensamento (esse aspecto “impalpável”, justamente, é o oposto do que é “orgânico”) e que alimenta uma relação mistificada (ou clandestina) com a classe social a que continua a pertencer. A relação orgânica, ao contrário, é reconhecida, proclamada, teorizada, politicamente desejada, para melhor defender “a nova concepção do mundo” de que é portadora a classe revolucionária ascendente. (MACCHIOCCHI, 1980, p. 198).

A afirmação acima é válida se entendemos o intelectual orgânico do proletariado. Não podemos nos esquecer que a classe burguesa também produz seus intelectuais orgânicos. Para Simionato “isso significa que o intelectual orgânico não é aquele que se justapõe a uma classe, a um grupo ou a uma empresa; a empresa, o grupo, a classe é que criam os seus intelectuais” (2004, p. 59).

Com a explicitação do conceito de intelectual gramsciano, não é difícil estabelecermos relações com os professores, alunos e funcionários da instituição. Nossa necessidade, no entanto, era ver em qual medida conseguiríamos dialogar com intelectuais orgânicos vinculados à classe social revolucionária. Nesse sentido, militar na categoria dos professores produziu bastante confusões geradas no interior de sindicatos e partidos de esquerda, pois, afinal, para sindicalistas e membros de partido, indagavam se não estaríamos indo contra os trabalhadores ao combater os problemas ocorridos no interior do Iserj e da Faetec. Respondíamos se deveríamos ser favoráveis ao desvio de função, ao curso para enganar a população, aos professores que simplificam o conhecimento, produzindo e reproduzindo a educação dual. Enfim, para complementar a resposta vale recorrer à noção de intelectual exposta, com base em Gramsci, por Simionato, pois:

(...) a relação de organicidade das diversas categorias de intelectuais se dá tanto em relação ao proletariado quanto em relação à burguesia. O caráter orgânico do intelectual depende da sua relação com a classe a que pertence, bem como do lugar ocupado por ele nas organizações da sociedade econômica, política e civil. A origem de classe de um intelectual pode ser diversa e até mesmo oposta à classe a que está organicamente ligado. Um intelectual orgânico da classe trabalhadora pode chegar a ser um intelectual orgânico da burguesia ou vice-versa. Ainda que os intelectuais, predominantemente, liguem-se mais à sua classe de origem, são relativamente livres para ligar-se a uma classe distinta (2004, P. 60)

Em Gramsci, verificamos a perspectiva da classe proletária “vir a ser” a classe dirigente. Verificamos, ainda, a possibilidade de os intelectuais atuarem em uma proposta contra-hegemônica. Tal possibilidade coloca-se na atualidade na ocupação de espaços e, por outro lado, na atuação enquanto intelectuais orgânicos em atividades diversas, como a docência. Esta atividade carrega na sua essência, uma consistência no processo pedagógico, caro à concepção gramsciana. Este processo pedagógico ultrapassa a sala de aula naturalmente, e perpassa a todos os campos sociais (MALINA, 2007).

O princípio educativo em Gramsci, inclusive, é pertinente ao conteúdo formador de uma nova hegemonia. O procedimento desta nova hegemonia também é necessariamente uma tarefa pedagógica, onde a escola tem papel fundamental por dispor de meios para formação de intelectuais especializados e uma nova classe dirigente, elevando o patamar de consciência da população através também de uma escola única, unitária. O fato de existir uma escola única, no entanto, não significa fazer a mesma abordagem em todas as escolas, levando-se em consideração características diferenciadas, como a cultura local (MALINA, 2007).

Na nova hegemonia, o homem é compreendido como um complexo conjunto de relações sociais, compreendido histórica e filosoficamente, mas capaz de fazer a sua história a partir de uma profunda compreensão do que se passou, até que ele fizesse parte dela. Por outro lado, o fazer histórico coletivo deve ser produzido consensualmente, mas numa inversão social nos termos dirigentes, derivando de maneira dialética a maior hegemonia possível, para também ser possível o seu maior consenso, utilizando sua nova formação organizativa onde muitos e não mais poucos participam para mediar esse processo, aumentando a capacidade de direcionamento político (MALINA, 2007).

Enquanto isso não ocorre, atuamos na contra-hegemonia e vivemos embates entre intelectuais vinculados à classe dominante e o marxismo. Os rumos da sociedade são direcionados *pari passu* com a perseguição à filosofia da práxis. O senso comum é afetado por canais de recepção desses intelectuais, assim como pessoas afeitas à ideologia veiculada para garantir a permanência da hegemonia vigente (MALINA, 2007). As recentes greves, as lutas estudantis, assim como as lutas empreendidas na Europa, Ásia África e América Latina, são exemplos do poder da *Mass Media* na ideologização e nos rumos da sociedade.

Posto isso, exposto nosso estranhamento e necessidade imperiosa de uma compreensão do processo ao qual vivíamos, entendemos ser necessária a relação com um elemento central na discussão sobre o nosso papel social e a luta que empreendíamos que, para nós, estava para além dos muros do Iserj e da Faetec. Desse modo, é razoável relacionar o conceito de intelectual gramsciano delineado acima com o conceito de Estado desse mesmo autor, pois nos parecia pertinente.

Os intelectuais são, para Gramsci, organizadores das relações sociais, impregnados por um recorte ideológico em um sentido marxiano, ou seja, por idéias da classe dominante. São forjados, no entanto, no interior de uma classe social ao qual estabelecem, ou podem estabelecer, um vínculo orgânico. O cimento social que reveste a tecitura da luta de classes é a ideologia, agora em um sentido gramsciano. Nesse sentido, Os intelectuais são responsáveis pela organização da rede de

crenças e relações tanto institucionais quanto sociais. Os que dominam essas relações são hegemônicos (classe dominante) e esta hegemonia, quando é coercitiva às outras classes, utiliza-se dos intelectuais para obtenção do consentimento das ações da classe dominante frente às outras. É neste sentido que ganha consistência, na teoria de Gramsci, a crítica sobre a redefinição do Estado como força + consentimento. (GRAMSCI, 2000, 2001).

O Estado, como parte superestrutural da classe dominante, exerce seu poder no somatório de força ou coerção + consentimento, conforme descrito anteriormente. Na base da classe dominada, encontra-se a massa populacional mais suscetível a este processo, o senso comum, que compreende o mundo de maneira enviesada, e é, devido ao seu pouco poder intelectual e organizativo, influenciável pelo discurso hegemônico da classe dominante. Os mediadores deste processo são os intelectuais que com a sua postura e o seu discurso vinculado, mantém uma aliança tácita entre as forças dominantes e as forças dominadas, fornecendo um equilíbrio entre as partes. A sociedade, nestes termos, é dividida em superestrutura e estrutura, estando na superestrutura as instituições necessárias à manutenção da hegemonia vigente, como a Igreja, a família, a escola, entre outras. A ideologia também é considerada por Gramsci como parte superestrutural da sociedade, podendo ser considerada como um amálgama ou cimento da sociedade, selando o acordo existente. Este processo ocorre sem que o senso comum tenha percepção de tal ocorrência no campo de tensão existente. Gramsci denomina bloco histórico social ao processo como um todo, que ocorre num continuum. O intelectual, mediador da hegemonia, conforme visto anteriormente, pode ser do tipo tradicional, vinculado aos grupos tradicionais, antigos, oligárquicos, ou do tipo orgânico, mais urbano, vinculado aos grupos mais progressistas (no sentido de progresso mesmo). Os intelectuais orgânicos emergem de uma classe, mas nem por isso são necessariamente vinculados a ela, podendo ser cooptados pela classe dominante, e ele próprio ser agente da hegemonia vigente (MALINA, 2001). No sentido citado:

À luz desse novo conceito de intelectual como “organizador”, os funcionários do aparelho de Estado são, da mesma maneira, que as camadas intelectuais em um sentido estreito, “intelectuais” que exercem funções subalternas a fim de garantir a hegemonia social e política da burguesia (BUCI-GLUKSMANN, 1980, p. 52).

Para Buci-Gluksmann (1980), sintetizando em um quadro aproximativo militar ao analisar as notas de Gramsci, os oficiais subalternos têm a finalidade de, na estratificação das funções intelectuais, garantir a execução da cultura, pois são como “empregados dos aparelhos culturais”. Estes, enquanto funcionários subalternos do Estado burguês permitiam a continuidade no Iserj e na Faetec, da manutenção de uma “Carmina Burana” moderna, sob os auspícios políticos e o “silêncio” de intelectuais, partidos e sindicatos.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE SUJEITOS “DE CLASSE”

A partir da discussão acima delineada, objetivamos analisar de forma preliminar a questão do binômio trabalho-educação, correlacionando-a com a questão da cultura, e transportando-a para a atualidade, momento interessante para refletirmos sobre o capitalismo na contemporaneidade a partir do tensionamento teórico marxiano e marxista sobre alguns conceitos que eram interessantes para apreensão, mas modificados em função do quadro situacional.

No entorno do Leme estava centrada e era planejada a luta empreendida por um conjunto de professores contra os processos e procedimentos adotados na lógica de implantação de um trabalho docente que corrompia trabalhadores e, de forma assertiva, impunha mecanismos sistêmicos de ideologização e alienação no interior do Iserj-Faetec.

Procuramos demonstrar um trajeto percorrido por professores discordantes da lógica instaurada, privilegiando os aspectos teóricos derivados de nosso trabalho docente. Chamamos a atenção de alguns elementos que nortearam o presente trabalho e apresentamos algumas considerações:

- 1- Não houve uma linearidade teórica na construção do Leme;
- 2- Os conceitos trabalhados foram relativizados em função da luta prática cotidiana;
- 3- Nem todos os professores que compunham o Leme tinham no conjunto de suas trajetórias intelectuais pregressas, um histórico de investimento intelectual e prático no campo do marxismo;
- 4- O marxismo revelou-se como meio mais adequado para compreender e lutar contra o quadro instaurado no Iserj-Faetec;
- 5- Conceitos teóricos foram confrontados, delineando um percurso teórico multilinear;
- 6- Tardamente, reconhecemos a necessidade de, ao contrário de um confronto entre conceitos, realizarmos uma incorporação e uma síntese desses conceitos;
- 7- No processo de luta contra-hegemônica, entretanto, a síntese era realizada (mais do que no estudo dos conceitos), ampliando (às vezes até superlativando) nossas expectativas;
- 8- A formação de intelectuais militantes ocorre sem que necessariamente isso ocorra de forma forçada. O próprio contexto favoreceu e deslocou nossa capacidade de trabalho para a realização da luta empreendida;

9- Alguém que queira produzir narrativas sobre a formação de professores, em especial sobre o Curso Normal Superior do Iserj-Faetec terá necessariamente que discorrer sobre a luta empreendida, sob o risco de, mais uma vez, de ideologizar, no sentido marxiano, o real;

10- Os trabalhos produzidos que glamourizam a formação de professores dos anos iniciais estão no caso acima citado;

11- A maioria dos representantes da lógica permeada no Iserj-Faetec, continua vinculada, senão a essa instituição, em outras instituições, inclusive de relevância.

Com sentido de ilustrar algumas das considerações acima citadas, cabe discorrer que a relação público-privada das lógicas integradoras coletivas cedeu lugar à lógica estritamente privada, em especial com o mote da empregabilidade (GENTILI, 2002). Isso produziu segundo Tonácio (2011) uma ideologia do sucesso presente nos trabalhadores, e na formação superior de professores, bastante adequada ao Iserj e a Faetec:

Essa lógica produziu uma *ideologia do sucesso*<sup>6</sup>. O desejo de vencer entre os trabalhadores tornou-se uma necessidade compulsiva que escraviza, levando-os a trabalhar sempre mais. A *ideologia do sucesso* deixa na subjetividade dos trabalhadores a sensação de débito consigo mesmo. Na luta para garantir o melhor para si, os homens voltam-se uns contra os outros na corrida pelo acúmulo de competências para garantir a tal empregabilidade na denominada sociedade do conhecimento. A competição feroz requer sujeitos aguerridos, egocentros, com desprezo e apatia em relação às questões coletivas, ocorre, então, uma tentativa de desorganização as lutas dos trabalhadores e de suas organizações sindicais. O que os trabalhadores tem dificuldade de perceber é que se configuram, cada vez mais, como mão-de-obra manipulável a preços cada vez mais baixos. Assim, a construção de subjetividades em sintonia com as determinações fundamentais do capitalismo é um suporte de manutenção e perpetuação da lógica mistificadora desse sistema, uma contrarrevolução burguesa, que naturaliza a competição (TONÁCIO, 2011, P. 153-154)

Observando os acontecimentos atuais, como a repressão aos Estudantes, aos Trabalhadores Sem Terra, aos Indígenas, enfim, a parcela do povo que ousa não se calar; não é difícil imaginar nossos dilemas – de menor monta, mas nem por isso insignificantes – no interior do Iserj-Faetec. O estranhamento causado pela convivência *in loco* acontecia *per se*. Já os constrangimentos, processos e assédios morais, ocorriam incontrolavelmente, conforme os acontecimentos. Houve um aprofundamento da luta interna no Iserj e com a Faetec que envolveu professores, funcionários e alunos do Iserj, os representantes da Faetec e da Secretaria de Ciência e Tecnologia, e ainda representantes do poder legislativo de época.

---

<sup>6</sup> O termo ideologia do sucesso está em itálico conforme texto da autora.

Nosso desencantamento com a falta de apoio recebida e com as vicissitudes dos problemas internos, e sem inserção de luta contra o Estado Burguês, causava contraste com um humor negro necessário para “acalentar o espírito”. O Leme foi implantado, recebeu apoio financeiro via Faperj para sua instalação, mas sequer tínhamos espaço no Iserj. Após mais uma expulsão, fomos alocados na Faetec, mas enclausurados no processo de luta. Os estudos, mais raros, eram entremeados com enfrentamentos políticos constantes que deixavam todos à exaustão, debilitados e, em muitos casos, doentes.

O aporte teórico contrastava de forma oscilante. Progressivamente, confrontamos Gramsci com Althusser; Revolução Passiva com os Manuais de Marighella. De forma difícil, tentamos dialetizar, sem preconceitos, diferentes pressupostos no interior do marxismo, buscando escapar da armadilha de instrumentalização simples da teoria, da compreensão rasa dos conceitos, da dicotomização teoria-prática e, principalmente, da tentação de cooptação. Não sei se todos conseguimos...

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. *Bases Teóricas de Prescrição para Formulação de Projetos Pedagógicos* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UGF, 2004.

BUCI-GLUKSMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GENTILI, Pablo. *A Falsificação do Consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIROUX, Henry. *Escola Crítica e Política Cultural*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LÖWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.

- MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. *A Favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MALINA, André; OLIVEIRA, Vitor Marinho; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. Uma Discussão sobre o Conceito de Intelectual em Karl Mannheim e Antonio Gramsci. In: *Revista Trabalho & Educação* – vol.16, nº 2 – jul / dez – 2007.
- MALINA, André. Um Olhar sobre os *Intelectuais da Educação Física a partir do Debate Epistemológico na Revista Movimento* (Dissertação de Mestrado) -. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Capital – Crítica da economia política* –. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol.1, livro primeiro, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *O Capital – Crítica da economia política* –. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, livro segundo, vol.2, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *O Capital – Crítica da economia política* –. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, livro terceiro, vol.3, 1998c.
- RICOEUR, Paul. *Ideologia e Utopia*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. Florianópolis/São Paulo: UFSC/Cortez, 2004.
- STIELTJES, Cláudio. *Jürgen Habermas: a desconstrução de uma teoria*. São Paulo: Germinal, 2001.
- TONÁCIO, Glória de Melo. *O Processo de Criação do Curso Normal Superior no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e a sua Adequação em Curso de Pedagogia: a tradição como farsa* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.